

AMANDA CAIXETA DOS SANTOS

**As percepções de famílias de crianças da Educação Infantil
sobre o ensino remoto durante a pandemia da Covid-19**

Uberlândia - MG

2022

AMANDA CAIXETA DOS SANTOS

**As percepções de famílias de crianças da Educação Infantil
sobre o ensino remoto durante a pandemia da Covid-19**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Instituto de Psicologia da Universidade Federal de
Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do
Título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Cirlei Evangelista Silva

Uberlândia

2022

RESUMO:

Sabe-se que as crianças para se desenvolverem na Educação Infantil precisam aprender por meio dos vínculos que estabelecem e na interação com as pessoas. Assim, escola e família precisam atuar em parceria visando favorecerem o desenvolvimento integral destas. Mas, em razão da pandemia da Covid-19, com o isolamento social e o ensino remoto, as famílias foram ainda mais demandadas em sua participação junto ao processo de aprendizagem de seus filhos. Neste contexto, esta pesquisa se propôs a identificar a percepção das famílias de crianças da educação infantil sobre o ensino remoto durante a pandemia e suas implicações para os processos de desenvolvimento e aprendizagem destas. Utilizando-se da abordagem qualitativa e da Abordagem Histórico Cultural, foram realizadas três entrevistas com famílias de crianças da educação infantil da cidade de Uberlândia/MG. Os resultados apontaram que as famílias foram impactadas de maneiras diferentes pelo ensino remoto mas, de forma geral, elas não perceberam dificuldades das crianças em realizarem as atividades propostas. Afirmaram que os possíveis prejuízos que tiveram se referiram à socialização por não poderem interagir com outras crianças e estarem no contexto escolar. Observa-se que houve comprometimento das famílias em auxiliar as crianças em suas atividades, buscando novos conhecimentos e formas de ensinar, bem como compromisso da escola em colaborar com as famílias em suas dificuldades. Dessa forma, acredita-se que o ensino remoto modificou o processo de aprendizagem das crianças, mas com a parceria família-escola foi possível que elas vivenciassem esse período sem comprometer significativamente seu desenvolvimento integral.

Palavras-chave: Famílias; Educação Infantil; Ensino Remoto; Pandemia.

ABSTRACT:

It is known that children to develop in Preschool Education, they need to learn through the bonds they establish and in the interaction with people. Thus, school and family need to work in partnership in order to favor their integral development. But, due to the Covid-19 pandemic, with social isolation and remote teaching, families were even more demanded in their participation in the learning process of their children. In this context, this research aimed to identify the perception of families of children in early childhood education about remote teaching during the pandemic and its implications for the development and learning processes of them. Using the qualitative approach and the Historical Cultural Approach, 3 interviews were carried out with families of children from early childhood education in the city of Uberlândia/MG. The results showed that families were impacted in different ways by remote teaching but, in general, they did not perceive children's difficulties in carrying out the proposed activities. They stated that the possible losses they had referred to socialization because they could not interact with other children and were in the school context. It is observed that families were committed to helping children in their activities, seeking new knowledge and ways of teaching, as well as the school's commitment to collaborating with families in their difficulties. In this way, it is believed that remote teaching modified the children's learning process, but with the family-school partnership it was possible for them to experience this period without significantly compromising their integral development.

Key words: Families; Preschool Education; Remote Teaching; Pandemic

SUMÁRIO

I - INTRODUÇÃO	6
II – REFERENCIAL TEÓRICO	10
2.1 – O Processo de Aprendizagem da Criança na Educação Infantil	10
2.2 – O Papel da Família e da Escola no Processo de Aprendizagem da Criança na Educação Infantil	15
III – METODOLOGIA	17
IV - RESULTADOS E DISCUSSÃO	21
4.1 - Os impactos e a adaptação da criança e da família ao ensino remoto durante a pandemia	22
4.2 - O papel da família e sua atuação junto à criança no ensino remoto	26
4.3 - A escola e sua atuação junto às crianças e às famílias no ensino remoto	29
4.4 - Os processos de aprendizagem e desenvolvimento da criança na e pós pandemia	32
V- CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
VI – REFERÊNCIAS	39
VII – APÊNDICES	45
7.1 – Apêndice A: Carta Convite para familiares/responsáveis	45
7.2 – Apêndice B: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	46
7.3 – Apêndice C: Roteiro de Entrevista da Pesquisa	47

I - INTRODUÇÃO

Esta pesquisa, intitulada “*As percepções de famílias de crianças da Educação Infantil sobre o Ensino Remoto durante a pandemia da Covid-19*”, tem sua temática central voltada para um estudo sobre como a família lidou com a proposta de ensino remoto e quais ela considera serem as implicações deste formato para os processos de desenvolvimento e aprendizagem da criança na primeira infância.

No final de 2019 foi identificado, na China, um novo coronavírus, causador da Covid-19, com grande potencial pandêmico devido a sua fácil propagação. A Covid-19 é uma doença causada pelo coronavírus (SARS-CoV-2), que apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves. No decorrer do mês de Fevereiro de 2020, o vírus foi se espalhando por todo o mapa, com taxa de mortalidade de dois por cento. Até que, segundo dados do Ministério da Saúde (2020)¹, no dia 26 de Fevereiro de 2020, foi registrado o primeiro caso da Covid-19 no Brasil.

No cenário mundial para o enfrentamento da pandemia, adotou-se como medida não-farmacológica o distanciamento e isolamento social, aliados à uma higienização mais intensa e o uso de máscaras. Neste sentido, em março de 2020, o Distrito Federal foi a primeira unidade da federação a estabelecer medidas de distanciamento social, que incluíram a suspensão de: aulas na rede pública, eventos que exigissem licenças do governo, atividades de atendimento ao público em comércios, restaurantes, bares, lojas, salões de beleza, entre outros. Ações similares foram tomadas nos dias seguintes pelos demais estados do Brasil.

Frente a necessidade do distanciamento social, a sociedade teve que se reorganizar de forma que as pessoas, visando reduzir a mobilidade e o contato social, pudessem

¹ Fonte: www.coronavirus.saude.gov.br

realizar suas tarefas de dentro de suas casas. Assim, todas as áreas da sociedade foram afetadas por essa condição: educação, comércios, indústrias, saúde e outras.

No presente trabalho, o enfoque foi dado aos impactos da pandemia na Educação. Esse fenômeno afetou todos os sistemas educacionais, provocando o fechamento generalizado de escolas e universidades para preservar a saúde dos estudantes e funcionários. Mesmo sendo difícil imaginar a educação sem a interação aluno-professor, dos alunos entre si, e das experiências que o ambiente escolar proporciona, foi necessário desenvolver métodos que tornassem possível que as aulas continuassem.

Neste cenário, o Ministério da Educação (MEC) deliberou pela substituição das aulas presenciais pela modalidade de Ensino Remoto (ou ensino remoto emergencial), que se caracteriza por estratégias didáticas e pedagógicas criadas para diminuir os impactos do isolamento social sobre a aprendizagem. Foram sugeridas que as tecnologias fossem utilizadas com o objetivo de colaborar para que fossem mantidos os vínculos intelectuais e emocionais dos estudantes e da comunidade escolar durante a pandemia. (Brasil, 2020).

Logo no início dos trabalhos, foi percebido que esse formato de ensino apresenta alguns obstáculos. O primeiro obstáculo do ensino remoto seria a falta de acesso à tecnologia e à Internet, que afeta milhares de estudantes, principalmente aqueles oriundos de áreas rurais e pertencentes a famílias com menor poder aquisitivo. Outra questão preocupante refere-se à ausência da garantia da alimentação para os estudantes, antes suprida pela merenda escolar disponibilizada para todos dentro dos ambientes educativos.

Ainda em se tratando de obstáculos, percebe-se que por se tratar de um modelo emergencial, que não foi previamente planejado, não existiu uma formação prévia de professores, nem suporte técnico e materiais didáticos adequados que os permitisse realizar sua prática pedagógica de maneira a atender às necessidades de seus alunos. Junto

a essa questão, verifica-se que também não houve uma orientação aos pais e/ou responsáveis por esses alunos, para que os mesmos pudessem contribuir e orientá-los no desenvolvimento de suas atividades em casa.

Para os trabalhos na Educação Infantil, a recomendação do MEC (Brasil, 2020) foi que, neste momento de pandemia, as instituições educacionais busquem a aproximação virtual dos professores com as famílias visando o estreitamento de vínculos, e a realização de atividades lúdicas para que as crianças aprendam brincando. Para tal, os professores precisam criar ambientes que sejam os mais lúdicos e diversificados possíveis, para que elas consigam realmente aprender mesmo neste formato diferenciado. Sabe-se ser este um desafio para todos os envolvidos no processo: crianças, professores e famílias.

Acredita-se ser um desafio em função das especificidades que este nível de ensino tem em sua configuração e sua importância no desenvolvimento integral da criança na primeira infância. Esta compreende a fase dos 0 aos 6 anos e é um período crucial no qual, além de ocorrer o desenvolvimento de estruturas e circuitos cerebrais, ocorre também a aquisição de capacidades fundamentais que permitirão o aprimoramento de habilidades futuras mais complexas. Crianças com desenvolvimento integral saudável durante os primeiros anos de vida têm maior facilidade de se adaptarem a diferentes ambientes e de adquirirem novos conhecimentos, contribuindo para que, posteriormente, obtenham um bom desempenho escolar (Núcleo Ciência Pela Infância, 2018).

Assim, enquanto instâncias que devem propiciar essa interação necessária ao processo de aprender da criança, defende-se que a escola e a família possuem mútua responsabilidade na promoção de uma educação que dê suporte a aspectos essenciais no desenvolvimento humano, tais como motores, cognitivo, afetivo e socioemocionais (Costa, Silva & Souza, 2019). Mas, quando existem entraves nessa relação - como pontos

de vistas e expectativas divergentes, falta de interação e comunicação clara e, até mesmo, quando a relação é inexistente entre família e escola, pode resultar em prejuízos significativos na formação da criança (Glidden, 2019).

Sabe-se que a Educação Infantil, etapa inicial da educação básica, tem grande importância no desenvolvimento das habilidades que possibilitarão a compreensão e a interiorização do mundo humano pela criança. Assim, para se desenvolver, as crianças precisam aprender com os outros, por meio dos vínculos que estabelece, pois as aprendizagens acontecem na interação com as outras pessoas, sejam elas adultos ou crianças.

Nessa perspectiva, compreende-se que a educação não se fecha nos muros da escola, nem se centra na figura do professor como único responsável pelos processos educativos, visto que envolve a sociedade em geral, os professores e demais profissionais que atuam na escola, os alunos e suas famílias (Moraes et al., 2021).

Durante a pandemia, com as atividades pedagógicas ocorrendo fora do espaço escolar, coube às famílias a mediação do ensino e a aprendizagem dos filhos, o que tem sido um desafio, por estar acontecendo no espaço informal do lar. Diante da necessidade temporária e repentina de adaptação às aulas remotas, torna-se importante refletir como a família está vivenciando e percebendo seu papel na mediação do conhecimento escolar, com vistas a contribuir para que a parceria família-escola possa se fortalecer e favorecer o desenvolvimento integral da criança.

A partir das considerações apresentadas acima, elegemos como pergunta de pesquisa: quais são as percepções das famílias de crianças da educação infantil sobre o ensino remoto, durante a pandemia da Covid-19, e suas implicações para os processos de desenvolvimento e aprendizagem destas?

Elencamos como objetivo geral: identificar a percepção das famílias de crianças da educação infantil sobre o ensino remoto durante a pandemia da Covid-19 e suas implicações para os processos de desenvolvimento e aprendizagem destas. E como objetivos específicos: * identificar se e de que forma as famílias das crianças de Educação Infantil foram impactadas pelo ensino remoto neste contexto de pandemia; * verificar se as famílias de crianças da Educação Infantil compreendem qual o seu papel no ensino remoto e quais as dificuldades/facilidades que possuem para contribuírem com este formato de ensino; * analisar como as famílias de crianças da Educação Infantil percebem o engajamento delas com as atividades propostas no ensino remoto e o papel da escola neste processo; * verificar se as famílias de crianças da Educação Infantil consideram que as atividades propostas pelas escolas, neste período de pandemia, são adequadas ao processo de desenvolvimento destas; e, por fim, * identificar se as famílias de crianças da Educação Infantil acreditam que o ensino remoto e o distanciamento social, impostos pela pandemia, podem interferir nos processos de desenvolvimento e de aprendizagem da criança na primeira infância.

II - REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 – O Processo de Aprendizagem da Criança na Educação Infantil

Sabe-se que a aprendizagem se inicia desde o começo da vida, antes mesmo de a criança entrar na escola, enquanto ela cresce, ela aprende nos contextos de seus relacionamentos afetivos, e se desenvolve em todos os domínios (físico, cognitivo e socioemocional).

Na perspectiva sócio-histórica, Vygotsky (1998) afirmava que o homem se constitui na interação com o meio em que está inserido, sendo que explorar o ambiente e

o contato com o outro são as maneiras mais poderosas que a criança tem à disposição para se desenvolver. Para o autor, as interações possibilitam que o indivíduo consiga compreender (por meio da internalização) as representações de seu grupo social e, dessa forma, aprender de verdade, sendo que aprendizado e desenvolvimento estão inter-relacionados desde o primeiro dia de vida.

A Educação Infantil, etapa inicial da educação básica, tem grande importância no desenvolvimento das habilidades que possibilitarão a compreensão e a interiorização do mundo humano pela criança. Neste sentido, para se desenvolver as crianças precisam aprender com os outros por meio dos vínculos que estabelece, ou seja, as aprendizagens acontecem na interação com as outras pessoas, sejam elas adultos ou crianças. (Duarte e Batista, 2015, p.292)

Mas as aprendizagens também dependem dos recursos de cada criança, estando dentre estes a imitação, o faz-de-conta, a oposição, a linguagem e a apropriação da imagem corporal (Brasil, 1998). Considera-se essencial, então, trabalhar com os pequenos atividades operacionais, pois é a partir de atividades determinadas por um ato intencional e dirigido/mediado do professor que a criança aprende (Vygotsky, 1998).

Segundo Vygotsky (1998), a escolarização é um processo que deve se dar de forma organizada, sendo que todas as ações realizadas pela escola e por seus profissionais devem ser pensadas, refletidas, discutidas e planejadas, pois todas as ações devem ter intencionalidade e finalidade. Nesse processo, um conceito importante, para ele, é a noção de aprendizagem mediada, considerada fundamental para o desenvolvimento dos chamados processos mentais superiores.

No que diz respeito à escola, Vygotsky (1998) dizia que não se adquire conhecimentos apenas com os educadores, mas defendia que a aprendizagem é uma atividade conjunta e que relações colaborativas entre alunos podem e devem ter espaço

nas salas de aula. Nesse contexto, o professor seria não um portador do conhecimento, mas sim um grande orquestrador de todo o processo de aprendizagem.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) (Brasil, 1998), a Educação Infantil apresenta, ao longo de sua história, concepções diferentes sobre sua finalidade social. Durante um longo período na história, a criança era vista como um adulto em miniatura, pois trabalhavam assim como os adultos nos mesmos lugares e usavam as mesmas roupas (Ariès, 1981). Com o passar dos anos se deu a separação da criança com o adulto, no Renascimento, com o início da escolarização. Hoje em dia, a criança possui inúmeros direitos, como o direito a educação e o direito de não trabalhar como um adulto.

Sobre as instituições de ensino, verifica-se que grande parte delas nasceu com o objetivo de atender exclusivamente às crianças de baixa renda. Creches e programas pré-escolares eram utilizados como estratégia para combater a pobreza e resolver problemas ligados à sobrevivência das crianças. Esse objetivo foi se modificando com o passar do tempo, já que também foi se modificando a visão que se tinha sobre a infância. (RCNEI, 1998, p.17)

No Brasil, observa-se o movimento de conscientização sobre a importância da Educação Infantil em documentos oficiais que contribuíram para este nível de ensino ganhar destaque, dentre os quais: *Constituição Federal de 1988*, que no seu artigo 208, inciso IV, aponta a Educação Infantil como “um dever do Estado e um direito da criança”; *Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)*, lei nº 8.069/1990, artigo 54, inciso IV, tal direito é assegurado, servindo como base para a construção de um novo olhar para a criança: uma criança com direito de ser criança, com direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária; *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*

(LDB, Lei nº 9.394/1996) que considerou a Educação Infantil como a primeira etapa da Educação Básica, tendo como finalidade “o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade” (título V, capítulo II, seção II, art. 29); *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil* (RCNEI) apresentado pelo Ministério da Educação em 1998, documento que busca apontar referências que contribuam para que as crianças tenham um desenvolvimento integral de qualidade; *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil* - Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009, que visava orientar as políticas públicas e a elaboração, planejamento, execução e avaliação de propostas pedagógicas e curriculares de Educação Infantil; *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC) de 2018, documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica.

Há um consenso nesses documentos sobre a necessidade de que a educação para as crianças pequenas deva promover a integração entre os aspectos físicos, emocionais, afetivos, cognitivos e sociais da criança. Em concepções mais abrangentes, os cuidados são compreendidos como aqueles referentes à proteção, saúde e alimentação, incluindo as necessidades de afeto, interação, estimulação, segurança e brincadeiras que possibilitem a exploração e a descoberta.

Nessa etapa da educação, a preocupação está voltada ao desenvolvimento pessoal, estimulando atividades lúdicas, a linguagem artística e oral, além de jogos simbólicos, de forma a trabalhar com as crianças diversos campos de experiência, como “corpo, gestos e movimentos”, “traços, sons, cores e formas”, “escuta, fala, pensamento e imaginação” e “espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”, sempre com atividades mediadas e supervisionadas pelo professor ou adulto responsável (Brasil, 2018, pp. 40-43).

Assim, a Educação Infantil é considerada uma fase para brincar, na qual os alunos são desafiados a resolver conflitos, cooperar e se relacionar. Uma das formas da criança apreender a realidade é através da brincadeira, que é uma ação que ocorre no plano da imaginação, isto implica que aquele que brinca tenha o domínio da linguagem simbólica. Ou seja, é preciso haver consciência da diferença existente entre a brincadeira e a realidade imediata que lhe forneceu conteúdo.

Nesse sentido, para brincar é preciso apropriar-se de elementos da realidade imediata de tal forma a atribuir-lhes novos significados. Essa peculiaridade da brincadeira ocorre por meio da articulação entre a imaginação e a imitação da realidade. Toda brincadeira é uma imitação transformada, no plano das emoções e das ideias, de uma realidade anteriormente vivenciada².

A partir do exposto, é possível compreender que o brincar auxilia a criança nesse processo de aprendizagem, pois ele vai proporcionar situações imaginárias nas quais ocorrerá o desenvolvimento integral da criança. Dessa forma, é imprescindível a utilização de brincadeiras no meio pedagógico, visto que com a brincadeira, a sala de aula fica mais enriquecida de desenvolvimento motor, intelectual e criativo da criança (Brasil, 1998).

Segundo a BNCC (Brasil, 2018), a entrada na creche (0 a 3 anos) ou na pré-escola (4 e 5 anos) significa, na maioria das vezes, a primeira separação das crianças dos seus vínculos familiares para se incorporarem a uma situação de socialização estruturada. Ao acolher as vivências e conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade e as articulando em suas propostas pedagógicas é possível ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessa criança.

² Fonte: <https://portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/o-brincar/26042>

Portanto, o compartilhamento de responsabilidades entre a escola e a família é essencial e o papel de cada uma dessas instâncias na formação e nas aprendizagens das crianças é ímpar. Observa-se que nenhuma escola substitui a família em relação a construção de regras, princípios e valores no processo de formação da criança, sendo seu papel promover processos de socialização e autonomia, muito importantes, principalmente, nos primeiros anos de vida desta.

2.2 – O Papel da Família e da Escola no Processo de Aprendizagem da Criança na Educação Infantil

A família é considerada o primeiro espaço de convivência do ser humano, sendo referência fundamental, pois é através dela que a criança aprende e incorpora valores éticos. Também é no meio familiar que ela vivencia suas primeiras experiências afetivas, representações, juízos e expectativas frente ao mundo que a rodeia. (Duarte, 2015).

Concomitantemente, a família exerce um papel de grande relevância para o desenvolvimento escolar da criança, tendo o dever de acompanhar seu desempenho escolar e a responsabilidade de intermediar a realização das atividades que a criança desenvolve no seu dia a dia. Nessa perspectiva, a família e a escola devem, em parceria, acompanhar diariamente as dificuldades e os avanços apresentados pela criança em sua trajetória escolar, estimulando-a para que possa aprender cada vez mais. (de Lima, da Silva, 2017)

Quando o foco é o papel dos pais na escolarização dos filhos e suas implicações para a aprendizagem na escola, podemos apontar a família como impulsionadora para o engajamento escolar tendo esta inegável contribuição para o desenvolvimento e aprendizagem humana. Segundo Christenson e Anderson (2002), um dos seus papéis

principais é a inclusão da criança no mundo cultural mediante o ensino da língua materna, dos símbolos e das regras de convivência em grupo. Neste contexto, os recursos psicológicos, sociais, econômicos e culturais dos pais são aspectos essenciais para a promoção do desenvolvimento humano.

A escola também contribui para o desenvolvimento do indivíduo, mais especificamente no que se refere à aquisição do saber culturalmente organizado e em suas áreas distintas de conhecimento. Segundo Ananias (2000), a escola deve resgatar, além das disciplinas científicas, as noções de ação política e busca da cidadania e da construção de um mundo mais equitativo. Neste contexto, a escola deve visar não apenas a apreensão de conteúdo, mas ir além, buscando a formação de um cidadão inserido, crítico e agente de transformação, já que é um espaço privilegiado para o desenvolvimento das ideias, ideais, crenças e valores. Para López (1999, 2002), a família não tem condições de educar sem a colaboração da escola.

Percebe-se que quando a família e a escola mantêm boas relações, as condições para um melhor aprendizado e desenvolvimento da criança podem ser maximizadas. Assim, pais e professores devem ser estimulados a discutirem e buscarem estratégias conjuntas e específicas ao seu papel, que resultem em novas opções e condições de ajuda mútua (Leite & Tassoni, 2002). A escola deve reconhecer a importância da colaboração dos pais na história e no projeto escolar dos alunos e auxiliar as famílias a exercerem o seu papel na educação, na evolução e no sucesso profissional dos filhos e, concomitantemente, na transformação da sociedade.

É importante salientar que família se refere a todos os responsáveis pela criança, respeitando-se a configuração familiar na qual a mesma está inserida, e a escola precisa estar preparada para receber as famílias do século XXI, considerando às mais diversas composições existentes na contemporaneidade (famílias monoparentais, famílias com

pais separados, famílias biparentais, famílias reconstituídas, famílias com casais homoafetivos, famílias com filhos adotivos, entre outras), de modo que ambas possam criar relações de respeito e companheirismo em prol da educação da criança e de um diálogo constante.

Para tal, é importante que a família esteja ciente da proposta pedagógica da escola, sendo que ela deve ser chamada para participar da elaboração e da efetivação desse projeto. Esta é uma ação que traz a família para junto da escola, diminuindo a barreira existente entre elas.

A escola pode, por exemplo, oferecer aos pais informações e conceitos básicos sobre o desenvolvimento dos seus filhos; orientar os pais para ensinar seus filhos, no que diz respeito aos conteúdos e conhecimentos acadêmicos; proporcionar momentos de trocas de informações entre pais e professores em reuniões estruturadas e realizar atividades em conjunto.

Portanto, acredita-se que uma boa comunicação entre a família e a escola nunca se fez tão necessária como hoje em dia, em decorrência do ensino remoto que vem acontecendo devido a situação de pandemia em que o país se encontra. Na presente pesquisa, analisamos como está essa relação nos dias atuais, e como ela tem afetado a rotina dessa família, dessa escola e o desenvolvimento da criança.

III – METODOLOGIA

Esta pesquisa foi realizada utilizando-se da Abordagem Qualitativa, considerando-a como uma possibilidade de, conforme nos apontam Bogdan e Biklen (1994), obter dados no contato direto do pesquisador com a realidade dos participantes, estando mais atentos às informações que poderão emergir durante o processo, além da preocupação em retratar a perspectiva dos participantes da pesquisa.

Bogdan e Biklen (1994) descrevem as características que devem estar presentes na investigação qualitativa. São elas: acontecer em ambientes naturais; presença do investigador no local onde os participantes estão para recolher os dados com grande detalhe; uso de múltiplos métodos de recolha de dados e que são interativos e humanistas; participação ativa do investigador e uma sensibilidade para com os participantes no estudo; flexibilização do processo de investigação e, em consequência, mudança ou redefinição das questões de investigação durante o processo. Neste, o investigador faz uma interpretação dos dados, descreve os participantes e os locais, analisa os dados para configurar temas ou categorias e retira conclusões.

Ressalta-se que a pesquisa na abordagem qualitativa deve ser indutiva e significativa, visto que não há a preocupação em arranjar dados ou evidências para provar ou rejeitar hipóteses. Nesta perspectiva, o investigador está voltado para compreender como diferentes pessoas dão significado às suas vidas e quais são as perspectivas pessoais dos participantes. Ademais, ele também deve refletir sobre o seu papel na investigação e reconhecer possíveis enviesamentos, valores e interesses pessoais que possam atravessar seu trabalho, enfatizando mais o processo do que simplesmente os resultados. (Godoy, 1995)

Como instrumento nesta pesquisa, a entrevista semiestruturada foi a escolhida. Esta consiste em um modelo de entrevista flexível, ou seja, possui um roteiro prévio, mas permite que o entrevistador e o participante façam perguntas fora do que havia sido planejado, possibilitando um diálogo mais natural e dinâmico. Neste sentido, este instrumento permite uma interação singular entre pesquisador e participante, momento em que é construído um material rico sobre “biografias, experiências, opiniões, valores, aspirações, atitudes e sentimentos das pessoas” (May, 2004, p. 145).

Para o alcance dos objetivos dispostos nesta pesquisa, a entrevista semiestruturada foi dividida em duas partes: 1) visa buscar informações referentes à caracterização do familiar da criança referentes a: grau de parentesco, idade, sexo, estado civil, quantidade de filhos, escolaridade, formação acadêmica, atuação profissional, trabalho no momento, renda familiar, quantas pessoas moram na residência e idade das pessoas que moram na residência; 2) apresenta questões relacionadas à compreensão da família quanto ao seu papel no ensino remoto, percepção sobre o engajamento da criança nas atividades propostas e o papel da escola, sobre a adequação das atividades propostas ao desenvolvimento da criança, impactos do ensino remoto e do distanciamento social nos processos de desenvolvimento e de aprendizagem da criança na primeira infância.

Por ser tratar de uma pesquisa realizada com seres humanos, a mesma foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Uberlândia, filiado ao Conselho Nacional de Pesquisa com Seres Humanos (Conep), obedecendo à Resolução nº 466/12 do Ministério da Saúde, sendo considerada aprovada com o protocolo CAAE: 47282821.0.0000.5152.

Para a seleção dos participantes desta pesquisa foi realizado um contato inicial com a diretora de uma instituição pública de Educação Infantil da cidade de Uberlândia/MG solicitando sua parceria na realização deste estudo, visto que seria utilizada sua mediação entre a equipe pesquisadora e as famílias. Após a aprovação da instituição para a realização da pesquisa, enviamos uma Carta Convite (Apêndice A) para que a diretora repassasse, via grupo do *WhatsApp*, para os pais e/ou responsáveis pelas crianças de 4 a 5 anos. Nesta foi enviado um *link* para ingresso em um grupo do *WhatsApp* criado pela equipe pesquisadora que, posteriormente, entrou em contato individualmente com os interessados em participar da pesquisa.

Após o período de divulgação, sete famílias entraram em contato para participar da entrevista, mas somente três efetivamente a realizaram entre os meses de setembro a novembro de 2021. Os entrevistados são vinculados à 3 crianças de 5 anos de idade, sendo dois pais (uma mãe e um pai) e uma responsável pela criança (tia). Possuem idades entre 40 e 53 anos, estado civil diversos (solteiro, casado e divorciado) e, em média, 1 filho. Cada um possui um nível de escolaridade (pós graduação; superior e ensino médio), em diferentes áreas de formação (Letras, Marketing e Magistério). Atuam profissionalmente como professor, servidor público e agente comunitária de saúde e estavam trabalhando presencialmente no momento da entrevista. A renda familiar relatada pelos entrevistados variou entre 1 e 8 salários mínimos, sendo que moram na mesma residência que eles de 2 a 5 pessoas, com idades que variam de 3 a 79 anos.

Credita-se o número aquém do esperado de famílias participantes, ao fato de que os pais e/ou responsáveis nos relataram dificuldades quanto à: falta de horário que poderiam disponibilizar para a realização da entrevista; falta de habilidade na utilização da Plataforma *Meet*; problemas de saúde pessoal ou de familiar no período em que foi contactado, dentre outros.

Para a realização das entrevistas, foram utilizados recursos tecnológicos que permitiram o desenvolvimento da pesquisa em formato remoto, visto a impossibilidade de deslocamentos e encontros presenciais, em virtude do contexto da pandemia. Dessa forma, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B) foi inicialmente lido junto com os participantes e enviado a todos via formulário preparado na Plataforma Google *Forms* para assinatura.

A entrevista foi realizada individualmente com cada família na Plataforma Google *Meet*, tendo, em média, 24 minutos de duração, entre os horários de 17h e 18h30, em horários sugeridos pelos próprios participantes. Foi solicitado a eles permissão para a

gravação da entrevista e todos concordaram, sendo que após a transcrição, o material foi enviado para que pudessem ler, rever e/ou acrescentar algo que não havia sido relatado no momento da entrevista.

Para a análise dos dados optou-se pela utilização da Análise de Conteúdo que, para Bardin (2011), constitui-se em um conjunto de técnicas de análises das comunicações, que tem como objetivo o enriquecimento da leitura dos dados coletados, por meio da descrição do conteúdo das mensagens. Tal técnica nos permite perceber/analisar criticamente o conteúdo manifesto ou latente das mensagens comunicadas pelos participantes da pesquisa, contribuindo para que o pesquisador consiga responder às questões propostas por ele de maneira mais abrangente.

Além dos aspectos já elencados acima sobre a Análise de Conteúdo, vale ressaltar que a mesma também permite ao pesquisador analisar informações sobre o comportamento humano, atendendo a duas funções, a saber: verificação de hipóteses e/ou questões e descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos (Minayo, 2001).

IV - RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste período de pandemia da Covid-19, vivenciado por todos desde o início de 2020, um dos setores mais impactados foi a educação. Assim, todas as instituições educacionais foram obrigadas a alterar seu formato de ensino, passando do presencial para o remoto, o que impactou na organização e adaptação tanto das escolas, quanto das crianças e de suas famílias, visando minimizarem os efeitos da ausência deste contexto e de tudo o que ele oferece enquanto contribuição para a formação integral das crianças.

Buscando-se identificar como as famílias de crianças da educação infantil perceberam o ensino remoto durante a pandemia da Covid-19 e suas implicações para os processos de desenvolvimento e aprendizagem destas, nesta seção serão apresentados os

dados coletados na pesquisa divididos em quatro partes, a saber: os impactos e a adaptação da criança e da família ao ensino remoto durante a pandemia; o papel da família e sua atuação junto à criança no ensino remoto; a escola e sua atuação junto às crianças e às famílias no ensino remoto; e os processos de aprendizagem e desenvolvimento da criança na e pós pandemia.

1. Os impactos e a adaptação da criança e da família ao ensino remoto durante a pandemia

A necessidade da utilização do ensino remoto fez com que as famílias de estudantes das mais diversas instituições educativas de nosso país tivessem que rapidamente se adaptar à nova realidade. Para tal, estas tiveram que aprender a utilizar as tecnologias da comunicação e informação para auxiliarem as crianças na realização das atividades escolares, bem como no acompanhamento das aulas que passaram a ser virtuais.

Medeiros, Pereira e Silva (2021) apontaram que dentre as dificuldades apresentadas pelas famílias no processo de adaptação ao ensino remoto, estão aquelas relacionadas “aos componentes tecnológicos como a falha da internet e a ausência de um dispositivo tecnológico com câmera e bom som exclusivo para as aulas de cada criança” (p. 8). Ademais, os autores ressaltaram que algumas famílias que possuíam mais de um filho estudando relataram dificuldades em suprir dispositivos para cada um dos filhos.

Dessa forma, acredita-se que todas as famílias foram impactadas com esta mudança, mas de maneiras distintas, a depender de muitos fatores, bem como a estrutura e a renda familiar, o tamanho e o número de pessoas que vivem no domicílio, o nível de instrução/escolaridade do responsável pelo acompanhamento, o horário em que o responsável pela criança trabalha, entre outros.

A respeito dessa alteração do cotidiano da família, todos os participantes da pesquisa afirmaram que o ensino remoto impactou no cotidiano deles. A Participante 1 apontou que ainda que tenha tido uma mudança, esta não foi significativa em razão do ingresso recente da criança na escola e dos problemas de saúde que ela teve em seu processo de adaptação, que a afastaram, por vezes, do ambiente escolar.

É teve uma mudança. Mas fazia pouco tempo? que ela estava estudando. No finalzinho de 2019, tinha acabado de fazer três anos e entrou em uma sala adiantada, passou um pouquinho o final do ano gripou. Ela não era acostumada a conviver com as crianças, só com a gente, assim gripou umas duas vezes. Então ela foi pouquinho e logo terminou o ano. Quando começou no outro ano, no comecinho gripou de novo, foi para a escola pouco tempo. E então começou a pandemia, ela estudou pouco tempo na escola, nem chegou a adaptar totalmente. Então até que não foi ruim a diferença da aula, porque ela não estava tão acostumada. Mas ela sente falta, as vezes quer ir ver o coleguinha e tudo mais, mas ela não gostava de ficar o dia todo. (P1)

De acordo com Santos (2012), a ocorrência de doenças em crianças em processo de adaptação escolar é bastante frequente. Em períodos de adaptação escolar, quando começam a frequentar ou retornam ao ambiente escolar, as crianças ficam mais propensas a desenvolver infecções, resfriados e gripes por conta do contato mais próximo com outras advindas de ambientes diferentes e que passam a conviver em um mesmo local. Por outro lado, este adoecimento infantil pode também se relacionar a fatores emocionais: “O bebê pode somatizar seus sentimentos em relação à separação, apresentando sintomas físicos, como febre, vômitos, diarreia, bronquite, alergias, etc. Esses sintomas devem alertar para possíveis problemas de adaptação, mesmo que o bebê não chore na escola.” (Santos, 2012, p. 34).

A Participante 3 descreveu o impacto financeiro vivenciado por sua família diante do contexto do ensino remoto: “Impactou um pouco, porque a gente teve que contratar uma pessoa para tomar conta nesse horário que ela ficava exclusivamente na escola e isso impacta financeiramente. Eu acho que foi só.” (P3).

Esta questão vivenciada por esta participante faz parte da história de vida de um número significativo de trabalhadores brasileiros. Dados de um estudo da Fundação Getúlio Vargas (FGV, 2020) mostram que 44% dos trabalhadores brasileiros cuidam de filhos menores de 14 anos. Com o retorno destes ao trabalho presencial e as escolas fechadas, os pesquisadores afirmam que 30% terão dificuldades para cuidar dos filhos e quase 14% não terão com quem deixar as crianças.

Os pais/responsáveis tiveram que passar por uma reorganização familiar para a divisão das tarefas relacionadas aos filhos, como exemplifica o Participante 2: “com certeza, exigiu de nós pais. Nós fizemos um acordo: eu cuido de um filho e minha esposa tem acompanhado o outro filho. Para não ficar muito pesado para nenhum dos dois fizemos essa divisão.” (P2).

Além disso, os participantes também precisaram adquirir novas aprendizagens e habilidades para conseguirem contribuir com o processo de aprendizagem de seus filhos.

Mudou porque nós tivemos que aprender outros *skills* que não tínhamos para fazer esse acompanhamento pedagógico da criança. Antes a gente levava para escolinha, levava e buscava e tinha tarefa de casa. Então mudou porque teve que aprender essas habilidades e teve também um período de adaptação. Acabei me tornando o professor do meu filho, tanto eu como ele tivemos que nos acostumar com essa nova realidade, no mais foi tranquilo. (P2)

Um fator que merece menção se refere à formação/atuação dos entrevistados voltada para a docência. Dois participantes (1 e 3) fizeram cursos de formação inicial para

a docência, sendo o primeiro formado em Letras (Inglês) e o segundo cursou o Magistério, mas nunca atuou na área. O Participante 2, ainda que sua formação inicial não seja em licenciaturas, já atuou como professor na área de informática.

Os entrevistados 1 e 3 afirmaram que a experiência deles como professores contribuiu sobremaneira para a adaptação destes ao ensino remoto, favorecendo assim sua atuação junto às crianças.

Eu tenho formação, já trabalhei, já alfabetizei, já trabalhei muito com criança, então, para mim, não teve dificuldade. E agora com os outros, às vezes, via outras coisas. Como é mais difícil. (P1)

Eu dei aula já por alguns anos. Além da formação em Marketing, eu tenho formação em informática. Eu dei aulas nesses cursinhos que tem no centro da cidade, curso de informática e isso me ajudou. Então, para mim, a adaptação foi bem tranquila. Minha esposa está sofrendo bem mais. (P2)

Estes mesmos participantes apontam para o fato de que a atuação anterior como docente pode ser considerada um fator positivo, pois outros que não a tinham tiveram mais dificuldades de adaptação ao ensino remoto que eles, como parece ter sido o caso da Participante 3.

Ficou meio complicado, porque apesar de eu ter me formado em magistério há alguns anos atrás, eu nunca trabalhei com isso. Então, para eu ensinar essas tarefas de casa foi meio complicado. Em razão de eu trabalhar em horário comercial de segunda a sexta, na semana inteira, então tinha que ensiná-la a noite. A gente tem que dispor de mais tempo, complicou um pouco, porque as vezes a gente não tem aquela paciência que o professor tem para ensinar, o jeito que ele tem que a criança se prende a atividade. Então para isso foi meio complicado, mas eu tentei fazer o máximo que eu pude e acho que deu certo. (P3)

Ainda em se tratando de dificuldades, a Participante 1 elenca em seu relato algumas que, em sua percepção, interferem na atuação dos pais junto aos seus filhos durante seu processo de aprendizagem:

[...] é muito difícil para um pai que trabalha, um pai que tem mais de um filho. As vezes seus pertences estão num celular como que ele dividiria o celular para dois meninos, as vezes até mesmo não tinha nenhum porque tem pai que não tem nenhum. Eu acho que é um trabalho difícil pra quem não tem recurso, por exemplo, tem boa impressora, tem internet, tem computador. Já nem iam para a escola mais. Quando a pessoa não tem esses recursos não acho muito fácil não.

(P1)

Observa-se que, ainda que os responsáveis possuíssem formação/atuação para a docência, é importante que eles compreendam qual o seu papel na educação/formação dos filhos para que possam atuar contribuindo para este processo, bem como o papel da escola e do professor.

Para que os familiares e responsáveis conseguissem ajudar de forma mais eficiente essas crianças no processo de aprendizagem considera-se salutar a busca por novos conhecimentos, tanto sobre a proposta pedagógica da instituição de ensino que permitirá à família compreender sobre as atividades e sobre o processo de desenvolvimento de sua criança, quanto à sua importância enquanto mediador na aprendizagem das mesmas, buscando interagir e brincar com os pequenos, estimulando sua criatividade e imaginação.

A busca por novos conhecimentos demonstra o quão esse responsável está implicado no processo de aprendizagem da criança, o que faz toda diferença para que ele aconteça de maneira significativa para todos os envolvidos.

2. O papel da família e sua atuação junto à criança no ensino remoto

Acredita-se que a família tem um impacto significativo e uma forte influência no comportamento dos indivíduos, especialmente das crianças. E, nesse processo, ela pode participar de várias maneiras na vida educacional da criança, acompanhando as tarefas e trabalhos escolares, verificando se o filho fez as atividades solicitadas pelo professor, estabelecendo horário de estudo, informando-se sobre matérias e provas (Freitas, Maimoni, & Siqueira, 1994; Maimoni & Miranda, 1999).

No contexto de pandemia, esse papel se tornou ainda mais significativo, pois sem o acompanhamento de uma pessoa responsável, a realização das atividades escolares para crianças da educação infantil não é possível, em virtude da necessidade da mediação entre as tecnologias e a criança. Além disso, elas precisam de interações para que aconteça a aprendizagem, devendo um responsável exercer tal papel de mediador, apoiador e incentivador da criança em suas atividades. Duarte e Medeiros (2002) acreditam que

a mediação do processo de construção do conhecimento dos alunos distantes, deve levar em consideração as tarefas que o aluno pode realizar com autonomia, baseado no conhecimento já consolidado e as atividades na qual o aluno realiza com o auxílio de outros, justificando-se, então, a função da mediação pedagógica.

(p. 2)

Os participantes da pesquisa parecem ver a família atuando enquanto parceira, em colaboração com a escola: “Eu ajudo muito. Acho que o acompanhamento é essencial” (P1), mas compreendendo a importância do papel desta instituição enquanto promotora da aprendizagem e da formação das crianças:

Eu acredito que o papel oficialmente continua sendo da escola, porque é ela quem fornece as lições que nós trabalhamos com eles e nós fazemos a devolutiva para

eles. Depois deles executarem a tarefa, nós devolvemos para as professoras fazerem as correções e os ajustes. Então, eu acredito que nosso papel é de colaboradores. (P2)

Percebe-se, no relato da participante 3, que sua contribuição com a escola na aprendizagem da criança advinha também de sua preocupação por considerar que o fato de estar sendo utilizado o ensino remoto e o tempo que os alunos estavam fora da escola, poderia causar um atraso no processo de desenvolvimento destes.

Tentar fazer o máximo para que esse tempo não faça falta, esse tempo que ela está fora da escola. Igual como eu falei, foi difícil, mas eu tentei passar o máximo que eu sabia e conseguia para que ela não ficasse muito atrasada no conhecimento, para que ela ficasse a par da situação, sem ficar muito atrasada nos assuntos. Sei que nunca vai conseguir acompanhar, mas eu tentei fazer o máximo que eu pude para ela ficar totalmente além do que está acontecendo na escola, nessa fase dela de cinco anos. (P3)

Uma pesquisa realizada com professores das Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e da Fundação Maria Cecília Souto Vidigal (2021) corrobora com a preocupação da participante 3. De acordo com o estudo, crianças da pré-escola de 4 a 5 anos, estão apresentando sinais de déficit no desenvolvimento da expressão oral e corporal durante a pandemia. Os dados coletados também apontam que 78% dos professores afirmam que as crianças foram afetadas com as suspensões das aulas presenciais.

Por outro lado, os participantes afirmaram se sentirem preparados para acompanhar as crianças nas atividades e apresentaram as estratégias que utilizaram para conseguirem realmente atuar no processo de ensino-aprendizagem destas.

Sentimos sim. Eu acho que em relação a escola já está bem assistida. Não tem problema não. (P1)

Eu me sinto, no início não. Se você fizesse essa pergunta nos primeiros dias que eu estava com ele, eu responderia que não. Hoje eu respondo que sim com tranquilidade. Eu tive que ir atrás, claro que não é a mesma coisa de dar aula para adolescentes e adultos como eu dava e dar uma aula para uma criança, a didática é diferente, mas eu tive que ir para o YouTube assistir alguns vídeos. A minha irmã é pedagoga, eu tive umas boas conversas com ela e isso me ajudou. Hoje eu me sinto sim preparado. (P2)

Me sinto, eu consigo, mas talvez eu não tenha tanta habilidade para fazer, entre aspas, o papel do professor, mas eu conheço muita coisa, leio bastante. Acho que consigo ensinar sim. (P3)

Por se tratar de um modelo novo de ensino, já era esperado que dificuldades pudessem surgir, visto que as famílias não possuem conhecimentos pedagógicos para atender às necessidades das crianças. Apenas o Participante 1 afirmou: “Eu não tive muita dificuldade, as vezes eu achava que era pouca coisa, pouca atividade, pouca aula” (P1).

Mas a dificuldade mais apresentada pelos entrevistados foi em manter o foco da criança nas atividades:

Manter o foco dele, normal como toda criança. Quando eu consigo o foco, a aula vai tranquila, as atividades vão tranquilas. (P2)

O problema é conseguir prender a atenção dela em casa porque é muito difícil, ela distrai muito, por qualquer coisinha, as vezes a gente perde a paciência e briga. As vezes fala que está cansada, vira para cá, vira para lá e fala “ai não quero fazer mais”. Porque está acostumada com as crianças e acho que fazer sozinha é meio

chato. Então eles ficam muitos dispersos e ela é meio distraída, qualquer coisinha ela se distrai. Então, para mim, essa foi uma dificuldade. (P3)

Existem muitos fatores que podem causar dispersão no ambiente familiar, portanto é muito importante criar uma rotina de estudos com as crianças e escolher um ambiente fixo e tranquilo para que elas possam realizar suas atividades. Um fator que interfere na concentração seria elas terem que ficar muito tempo de frente às telas.

Segundo a Sociedade Brasileira de Pediatria (2021), o tempo de exposição de crianças entre 2 e 5 anos às telas deve ser de, no máximo, uma hora por dia e sempre com supervisão. Já em relação ao uso das telas na aprendizagem dos pequenos, seria interessante pensarem em propostas de vídeos curtos, intervalados com momentos lúdicos, para que eles aprendam brincando.

3. A escola e sua atuação junto às crianças e às famílias no ensino remoto

Acredita-se que cabe ao professor e à escola organizarem-se para acolherem as dificuldades das crianças e suas famílias desenvolvendo estratégias para tal. Escuta ativa, aproximação humana, canal aberto para tirar dúvidas e transparência são alguns dos caminhos que podem oferecer segurança aos pais. (Telles, 2020)

Todos os entrevistados afirmaram que a escola ofereceu suporte às famílias frente as dificuldades apresentadas por eles durante o período de ensino remoto. A Participante 1 diz: “Eu acho que sim, pelo menos fez o que pode. [...]”, sem especificar exatamente quais foram as maneiras que a escola utilizou. Diferentemente, os Participantes 2 e 3 falaram um pouco sobre as estratégias adotadas pela instituição educacional.

[...] a professora deles tanto quanto a pedagoga da escola estão sempre se colocando à disposição. Ontem mesmo eu tive reunião lá na escola deles, a gente

sempre faz esse alinhamento e ela pergunta se tem dúvidas. Eu já recorri a professora dele várias vezes para esclarecer algumas dúvidas. Eles são sempre bem abertos. (P2)

A gente tem um grupo da escola que qualquer dúvida a gente manda para a professora e ela sana essa dúvida sobre o que fazia na escola e explicava atividade toda semana. Isso ajudou bastante. (P3)

Manter canais de comunicação abertos nunca foi tão essencial. Através deles é possível que as famílias possam encontrar melhores soluções para o planejamento da rotina de estudos, auxílio na hora em que dificuldades emocionais surjam e até mesmo ajuda extra para mediar as atividades escolares. É assim que família e escola, unidas, podem promover um tempo de aprendizado mais valioso para as crianças.

Neste mundo em constante mudança, as redes sociais são utilizadas frequentemente por alunos, pais e professores. Assim, fazer uma boa utilização dos canais de comunicação digital é uma ótima estratégia para deixar mais eficiente a comunicação entre família e escola, pois torna-se possível, rapidamente, enviar documentos, atividades, tirar dúvidas. Rossi e De Brito Jr. (2021) comentam que o “ensino remoto trouxe diversas adversidades de comunicação à comunidade escolar e o WhatsApp vem se mostrando uma importante ferramenta de apoio às atividades docentes na rede pública de ensino” (p. 9).

Sobre o suporte oferecido pela escola em caso de necessidade, os entrevistados ressaltaram a disponibilidade da escola em atender às suas demandas:

Se precisar pelo o que já percebi é só ir lá que elas ajudam [...]. Ela não costuma ter, igual eu te falei, como ela já aprendeu a ler, já sabe ler tudo, ela lê qualquer coisa, ela não tem dificuldade nas tarefas. Mas se precisar, ela já falou: pode vir aqui, que a gente está sempre aqui. Eles estão sempre oferecendo ajuda. A gente

leva e busca a tarefa da semana. Eu levo e busco, levo nessa semana e busco na outra. E está sempre indo lá para dar uma olhadinha. (P1)

Se eu conseguir resolver eu não preciso passar para a escola... Mas eu penso que sim, a escola auxilia sim, não teve nenhum momento que eu procurei a escola que ela se negou ou foi evasiva, nem nada do tipo. (P2)

Eu acho que a minha nunca precisou totalmente, nesse período, de uma ajuda da escola, alguma dúvida ou outra, mas acredito que sim (a escola oferece suporte). (P3)

Mas verifica-se, nas respostas dos entrevistados, que pareceu não terem existido muitas ocorrências de dificuldades das crianças com as tarefas, as quais as famílias precisaram recorrer à escola para esclarecimentos e/ou colaboração.

Tendo em vista que é nesse período de 0 a 5 anos que as crianças desenvolvem importantes funções que contribuirão com sua constituição e formação ao longo da vida, é salutar inserir atividades em seu dia a dia que lhes proporcionem condições favoráveis para o seu desenvolvimento socioafetivo, físico, cognitivo e linguístico. Por isso, todas as atividades devem ser inseridas com muito cuidado e dedicação por pais, professores e responsáveis.

Nesse sentido, investigamos se a família acredita que as atividades propostas pela escola são adequadas ao período de desenvolvimento da criança. Os Participantes 1 e 2

[...] para o segundo período eu acho que está compatível sim, mas se é só aquilo eu acho pouco. Quando eu dava aula, eu aproveitava o máximo. Com ela eu faço assim, aproveito bastante. Mas eu acho que não está muito fora, não está puxado, está normal para segundo período, acho que está bom. (P1)

Compatíveis sim, suficientes não. Eu senti a necessidade de criar algumas tarefas paralelas para trabalhar algumas habilidades. Por exemplo: vi que ele estava com

dificuldade com números e quantidades, relacionar, ele sabe contar até dez com tranquilidade, mas na hora que eu ia dar biscoito ou bolacha, eu pedi para ele pegar sete biscoitos e ele não conseguiu contar sete. Ele decorou mecanicamente até o dez, mas não conseguia relacionar à quantidade, então criei uma atividade para trabalhar a questão de quantidade e hoje ele consegue até vinte relacionar números e quantidades até 20. Eu senti falta disso no material da escola, mas eu consegui fazer uma atividade paralela e desenvolver essa habilidade nele. Então se elas são adequadas? Sim. Compatíveis? Sim. Suficientes? Talvez, não. (P2)

A Participante 3 argumentou sobre as atividades enviadas pelo Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais Julieta Diniz (Cemepe) que é uma instituição vinculada à Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura Municipal de Uberlândia³.

Ano passado foram oferecidas atividades da escola e atividades pelo Cemepe. As do Cemepe eu achei que estava muito além da faixa etária dela, estava puxado demais. Aí eu parei e comecei a fazer só as da escola. Como ela estava em casa e não estava aprendendo muita coisa, o que eles estavam pedindo estava muito além. Ela nunca tinha visto, não tinha aprendido ainda. E a escola, como já conhece a criança, estava fazendo atividades mais de acordo com a faixa etária dela. (P3)

Tal aspecto nos aponta para a importância de se conhecer a criança e seu contexto para que a proposta pedagógica seja construída visando o atendimento de suas necessidades, em detrimento daquelas construídas e enviadas para todas as instituições de forma padronizada, sem as adaptações necessárias às diferentes realidades.

³ Esse centro de estudos foi idealizado por profissionais da educação com o objetivo de desenvolver programas e projetos de estudos, pesquisas, ações de intervenção pedagógica no cotidiano das unidades escolares e, principalmente, ser um local de encontro dos servidores da rede municipal de ensino em prol da formação continuada desses profissionais e da troca de experiências. (Portal Secretaria de Educação Prefeitura de Uberlândia, 2021).

4. Os processos de aprendizagem e desenvolvimento da criança na e pós pandemia

Acredita-se que o longo período de suspensão das aulas presenciais impactou significativamente a educação, no momento em que foi necessário transferir, emergencialmente, o ensino presencial para o ensino remoto. Essa modalidade de ensino, na Educação Infantil, em especial, gerou muitos questionamentos e incertezas tanto para os educadores quanto para as famílias, já que nessa idade de 0 a 5 anos, a interação e a brincadeira são consideradas os eixos principais no processo de aprendizagem.

No formato remoto, longe do espaço escolar, as crianças conseguiram se engajar nas atividades propostas pelos professores? Segundo os entrevistados, as crianças conseguiram se engajar nas atividades propostas: “tudo que é proposto ela faz com facilidade, não tem dificuldade não” (P1). Os Participantes 2 e 3 apontaram para a mediação deles no processo como fator que contribuiu para o engajamento das crianças nas atividades propostas pela escola.

Eu acho que o interesse, ela gosta de estudar e eu incentivo também. Eu incentivo bastante ela a se interessar pelos assuntos escolares. (P3)

Eu acredito que o motivo pelo o qual ele consegue se engajar é um pouco do esforço que eu faço para ele se envolver e também pelas atividades. Um outro fator é que ele já vem em uma constante, porque agora ele entende que precisa fazer tarefa, então parte também de um entendimento dele, como a gente faz tarefa com frequência ele entende que precisa fazer aquela tarefa, eu acredito também nesse fator. (P2)

Não se pode deixar de mencionar nestes dois relatos, o fato deles apontarem também para fatores internos à criança como o interesse e a compreensão de que precisa

fazer a tarefa, que podem ser considerados aspectos que impactam positivamente no processo de aprendizagem significativa.

O Participante 2 ainda descreveu quais são, a seu ver, outros requisitos necessários para se favorecer e manter o engajamento das crianças nas atividades.

Eu tenho descoberto que precisa de muita estratégia para trabalhar com criança, tem que saber explicar muito bem, tem que ir mais direto ao ponto e a atividade não pode se perder muito, porque senão eles ficam impacientes e não querem fazer, mas, quando eu consigo encontrar o caminho correto, ele consegue se engajar bem. (P2)

Verifica-se que existem fatores externos que podem contribuir com as famílias para o envolvimento da criança nas atividades propostas, dentre as quais podemos citar: conhecimento das plataformas, canais de comunicação e ambientes virtuais que serão utilizados para disponibilização dos conteúdos escolares; manutenção da rotina com as crianças; organização de todo o material escolar e do espaço onde a criança assistirá a aula; necessidade dela assistir à aula completa; cuidado com ruídos e conversas que podem causar distração; montagem de cronograma com a organização dos horários de estudo bem como da entrega de trabalhos e avaliações; realização de intervalos que coincidam com os da criança; valorização da realização de atividades domésticas junto com as crianças, sendo este também momento de aprendizagem; e por fim, reservar momentos para o lazer. (Cordeiro, 2020).

No sentido de compreender a percepção dos entrevistados sobre o aprendizado das crianças durante o ensino remoto, todos os participantes avaliaram positivamente o processo ocorrido. Para o Participante 2 a aprendizagem foi ótima, pois atendeu à sua expectativa inicial:

[...] Eu até tive uma conversa com uma professora no começo do ano, para tentar fazer um alinhamento de expectativas. Eu fiz a seguinte pergunta para ela: Qual o objetivo do segundo período? É alfabetizá-lo ou prepará-lo para a alfabetização? E ela respondeu que prepará-lo para a alfabetização, que o objetivo não é alfabetizar. Então considerando esse nível de expectativa, o aprendizado dele está bom. (P2)

Como citado pelo participante, o objetivo do segundo período é preparar a criança para a alfabetização, utilizando-se de interações e brincadeiras que permitam a criança conhecer o eu, o outro e o nós; corpo, gestos e movimentos; traços, sons, cores e formas; escuta, fala, pensamento e imaginação; espaços, tempos, quantidades, relações e transformações (Brasil, 2017).

Os Participantes 1 e 3 apresentaram sua avaliação considerando o formato o qual foi vivenciado pela criança, a saber, não presencial: um apontando para o fato de não ter outras referências para comparar, visto não estar frequentando a escola; outro ressaltando que no presencial a criança poderia ter aprendido mais.

Está normal para segundo período, acho que está bom. Lá na escola eu não sei como é, eu não estou lá vendo, ela não foi esse ano presencial, eu só conheço essas apostilas e alguma coisa que publica no grupo que eu vejo. Acho que está de acordo com a idade e o período dela, acho que está bom. (P1)

No geral, foi bem, mas se ela tivesse ido presencialmente todo o ano passado e esse ano todo ela teria aprendido muito mais. Ela tem facilidade em pegar as coisas, então para ela não foi tão prejudicial, mas eu conversei com algumas mães de algumas crianças que tiveram muita dificuldade. (P3)

Ao analisarmos os impactos do isolamento social nos processos de aprendizagem e desenvolvimento da criança, podemos inferir que cada família e criança será impactada

de uma forma diferente, uma vez que cada uma tem uma estrutura, renda, valores diferentes. Um aspecto que merece menção, principalmente para a criança nesse estágio de desenvolvimento, é a ausência social, sendo esta uma situação que impede que tenhamos contato com outras pessoas que são importantes para o nosso desenvolvimento. A interação social traz benefícios para a criança como a troca de linguagens, experiências e culturais; e a criação de princípios e valores como o respeito, a generosidade e a colaboração.

Os Participantes 1 e 2 afirmaram não acreditar que o isolamento social, proposto pela pandemia da Covid-19, afetará a aprendizagem da criança, mas por outro lado, salientam os impactos que poderão ser sentidos por ela no quesito socialização e convivência com os colegas.

Eu acho que afetar não vai, porque a gente tenta suprir de outras maneiras. Mas não deixa de ser ruim porque ela podia estar lá socializando, convivendo com o coleguinha. (P1)

Em termos de aprendizagem eu creio que não, em termos de convívio eu tenho certeza que sim. Ele é um menino que tem um pouco de dificuldade de se relacionar, é mais reservado, um pouco mais tímido. Então socializar não é algo tão tranquilo para ele. (P3)

Eu acho que vai. Agora a gente está vendo a dificuldade, mas é uma coisa pequena, eu acho que a consequência mesmo vai vir futuramente, mais ou menos na época do quinto ano. Se não pegar firme ano que vem, ainda mais ela, que está no segundo período, que ano que vem vai para o primeiro ano, que é uma coisa mais séria, já começa a ter notinha. [...] Futuramente, essa falta de aula vai prejudicar. Eu acredito, pelo que ela sabe, que se ela tivesse continuado esses dois anos na escola ela teria aprendido bem mais. (P3)

Segundo o Inep, o Brasil registrou uma média de 279 dias de suspensão de atividades presenciais durante o ano letivo de 2020 não sem consequências sérias. O estudo “Perda de Aprendizagem na Pandemia”, uma parceria entre o Insper e o Instituto Unibanco, estima que, no ensino remoto, os estudantes aprendem, em média, apenas 17% do conteúdo de matemática e 38% do de língua portuguesa, em comparação com o que ocorreria nas aulas presenciais. (Silva, 2021).

A partir do exposto, observa-se que o período de isolamento social, imposto pela pandemia da Covid-19, afetou a todos, mudando suas rotinas, com muitos perdendo empregos e entes queridos. O processo de adaptação foi complexo, mas ainda com todas as limitações apresentadas nesse documento, é possível inferir, na realizada pesquisada, que houve compromisso da família ou responsável em auxiliar as crianças em suas atividades remotas, buscando novos conhecimentos, formas de ensinar; e compromisso também da escola em auxiliar as famílias em suas dificuldades. Dessa forma, acredita-se que seja possível que a criança vivencie esse período sem grandes prejuízos em seu desenvolvimento e aprendizagem.

V- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta seção traz algumas considerações relacionadas aos objetivos desse estudo, bem como suas contribuições, limitações e possibilidades. Partindo dos objetivos propostos e da identificação das percepções de famílias de crianças da Educação Infantil sobre o ensino remoto durante a pandemia da Covid-19, são feitas algumas reflexões tendo como referência os dados analisados que reiteraram o que a literatura vem apontando em estudos e pesquisa sobre esta temática tão importante e atual.

Quanto aos objetivos elencados neste trabalho, é possível apontar que a nova rotina de aulas remotas impactou de formas diferentes as famílias dos entrevistados, visto que tiveram que reorganizar suas rotinas para conseguirem acompanhar as crianças nas atividades escolares e mesmo conseguirem outra pessoa que pudesse ficar com a criança durante o período que ela estaria na escola, impactando também financeiramente, haja visto que todos os participantes afirmaram estar trabalhando presencialmente.

Verifica-se que as famílias das crianças da Educação Infantil percebem de maneiras distintas seu papel no ensino aprendizagem das crianças durante a pandemia. Um participante percebe seu papel como de colaboração com a escola, afirmando continuar a ser da escola o papel principal, pois é ela quem fornece as atividades, delimitando o conteúdo a ser trabalhado e aprendido pelas crianças. Para desenvolverem aquele que acreditavam ser seu papel no ensino remoto, alguns responsáveis trabalharam com o conhecimento que já possuíam, outras foram atrás de novas informações e conhecimentos, com o objetivo de ajudar as crianças nas atividades ou até mesmo aprimorá-las.

Acerca do engajamento nas atividades propostas pela escola e a adequação destas ao período de desenvolvimento da criança, os participantes foram unânimes em revelar que as atividades são compatíveis e que os pequenos conseguiram se engajar de maneira satisfatória a todas elas.

Para os participantes, o maior impacto do ensino remoto no desenvolvimento integral das crianças será no aspecto da socialização, pois as crianças vão se acostumando com a segurança do ambiente familiar e desacostumando a conviver com as diferenças que o ambiente escolar proporciona. Ademais, acredita-se que o ensino remoto modificou o processo de aprendizagem das crianças, mas com a parceria família-escola foi possível

que elas vivenciassem esse período sem comprometer significativamente seu desenvolvimento integral.

A partir do exposto, analisando o objetivo principal desse trabalho, que corresponde as percepções de famílias de crianças da Educação Infantil sobre o ensino remoto durante a pandemia da Covid-19, é possível inferir que o objetivo foi alcançado.

Ocorreram algumas limitações para o desenvolvimento da pesquisa, devido ao fato de a mesma ter sido realizada, prioritariamente, em período de isolamento social e o contato tanto com a escola quanto com as famílias ocorreu apenas em formato virtual. Por este motivo, foi necessário que a escola mediasse o contato da equipe pesquisadora com as famílias, ocasionando um distanciamento dos possíveis participantes com os pesquisadores, visto que um número reduzido de familiares se dispôs a participar da pesquisa. Por outro lado, outros fatores também podem ter interferido no desenvolvimento da proposta e na participação mais ampla do público pretendido e que já foram elencados na Metodologia.

Mas, ainda assim, considera-se que com as respostas obtidas foi possível conhecer sobre a temática pesquisada, visto ser esta considerada relevante em se tratando do período histórico em que vivemos e por se tratar de uma situação nunca antes experienciada pelo contexto educacional, que foi a mudança do espaço de aprendizagem que não pôde ser mais a sala de aula e a inserção brusca das tecnologias e meios digitais, impactando na atuação de professores e familiares e nos processos de desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Portanto, acredita-se que tal estudo contribui de maneira inicial para posteriores estudos sobre temas, por exemplo, como diminuir/minimizar os possíveis impactos da pandemia e do ensino remoto no processo de socialização das crianças pós pandemia.

VI – REFERÊNCIAS

- Ananias, M. (2000). Propostas de educação popular em Campinas: "as aulas noturnas". *Cadernos do CEDES*, 51, 66-77.
- Araújo, G. B. M. (2015) *Família e Escola: parceria necessária na educação infantil*. 2010. 20 f. Artigo (Especialização em Educação Infantil) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em: <<http://repositorio.ucb.br/jspui/bitstream/10869/873/6/Família%20e%20escola%20%20parceria%20necess%C3%A1ria%20na%20educa%C3%A7%C3%A3o%20infantil.pdf>>. Acesso em: 21 fev. 2015.
- Áries, P. (1981) *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC.
- Assis, A.; Luca, V. A. A. (2015) Influência dos pais na aprendizagem das crianças. *Revista Teoria e Prática da Educação*, Maringá, v. 12, n. 2, p. 199-208, maio/ago. 2009. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/TeorPratEduc/article/view/13972/7661>>. Acesso em: 03 out. 2015.
- Bardin, L. (2011) *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Benato, D. T; Soares, S. T. (2018) Família e Escola: uma relação de desafios. In: Paraná. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Os desafios da escola Paranaense na perspectiva do professor. *PDE*, 2014. Curitiba: SEED/PR., 2014. V.1. (Cadernos PDE). Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_unicentro_ped_artigo_dulcemara_terezinha_benato.pdf. Acesso em: 03 jul. 2018.
- Bogdan, R.; Biklen, S. (1994) *Investigação qualitativa em Educação*. Portugal: Porto Editora.

- Brasil (1998). Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEF.
- Brasil (2018). Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília.
- Brasil (1996). *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei nº 9.394/96. Brasília.
- Brasil (1990). *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Brasília.
- Brasil (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. SP: Imprensa Oficial do Estado.
- Brasil (2010). Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil / Secretaria de Educação Básica*. – Brasília: MEC, SEB.
- Brasil (2001). Ministério da Saúde. *Plano diretor*. Brasília.
- Comitê Científico do Núcleo Ciência pela Infância (2020). Edição Especial: *Repercussões da Pandemia de Covid-19 no Desenvolvimento Infantil*. Link de acesso: <http://www.ncpi.org.br>. Acesso em: 20/10/2021
- Cordeiro, K. M.; Costa, R. P. Educação na Pandemia do Novo Coronavírus: Mídias e Desigualdade. *Revista Artes de Educar*. 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riae/article/view/52259>. Acesso em: 23 mar. 2021.
- Costa, M. A.; Silva, F. M.; Souza, D. (2019) Parceria entre escola e família na formação integral da criança. *Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo*, v. 1, n. 1, 1 jan.
- Duarte, J. A importância da Família no Desenvolvimento do Indivíduo. 18 set. 2015. Disponível em: <https://psiconline.com/2015/09/importancia-da-familia-no-desenvolvimento-do-individuo.html>. Acesso em: 29 mar. 2021.

- Duarte, B. da S.; Batista, C. V. M. Desenvolvimento Infantil: Importância das Atividades Operacionais na Educação Infantil. XVI Semana da Educação, p. 292, 2015. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/semanaeducacao/pages/arquivos/ANAIS/ARTIGO/SABERES%20E%20PRATICAS/DESENVOLVIMENTO%20INFANTIL.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2020.
- Durigan, A. C.; Leal, Z. F. de R. G. (2017) A relação entre a família e a escola como elemento para a formação humana: contribuições da Psicologia Histórico-Cultural. *InterEspaço*. Grajaú/MA v. 3, n. 11 p. 133-148 dez. 2017.
- Filho, L. M. F. (2018) Para entender a relação escola-família: uma contribuição da história da educação. *São Paulo em perspectiva*, 2000, vol.14, n.2, pp.44-50. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/spp/v14n2/9787.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2018.
- Fonseca, A. D; Colares, A. A; Costa, S. A. (2019) Educação infantil: história, formação e desafios. *Educação & Formação*. Fortaleza, v.4, n.12, p. 82-103, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/1270/1305>. Acesso em: 03 abr. 2019.
- Fundação Getúlio Vargas (FGV). Veículo: Metro Jornal Online - SP Data: 11/06/2020 Tópico: FGV Social. Acessado em: 20/10/2021. Disponível em: <https://www.cps.fgv.br/cps/bd/clippings/xc935.pdf>
- Glidden, R. F. (2019) Comunicação família e escola: tensões e desafios. *Revista da Faculdade de Educação*, v. 29, n. 1, p. 159-174.
- Godoy, A. S. Pesquisa Qualitativa: Tipos Fundamentis. RAE Artigos. Maio, 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29 mar. 2021.

- Gonçalves, J. O. Miranda, M. F. O. de. Gonçalves Júnior, E. (2020) Uma reflexão sobre a parceria da família e escola em tempos de Covid-19: Aspectos pedagógicos, econômicos e jurídicos. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*. Ano 05, Ed. 11, Vol. 06, pp. 141-154. Novembro de 2020. ISSN: 2448-0959, Link de acesso: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/economicos-e-juridicos>, DOI: 10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/educacao/economicos-e-juridicos
- Linhares, M. B. M., & Enumo, S. R. F. (2020). Reflexões baseadas na Psicologia sobre efeitos da pandemia COVID-19 no desenvolvimento infantil. *Estudos de Psicologia*. Campinas. P. 37. Link de acesso: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200089>. Acesso em: 20/10/2021.
- Lordelo, E. R. (1998) O Papel do Adulto e da Criança Como Parceiros do Desenvolvimento em Vygotsky. *Rev. Bras. Cresc. Desenv. Hum.*, São Paulo, 8(1/2).
- Leite, S. A. S.; Tassoni, E. C. M. A afetividade em sala de aula: as condições do ensino e a mediação do professor. *Psicologia e formação docente: desafios e conversas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002, p. 113-141.
- López. J. S. I. (2002). Educação na família e na escola. Coleção O que é, como se faz? (M.C. Mota, Trad.) São Paulo: Loyola (Trabalho originalmente publicado em 1999).
- Maimoni, E. H & Miranda, A. A. B. (1999). Uma proposta de avaliação do envolvimento dos pais na vida escolar do filho. *Anais do IV Congresso e IV Mostra de Ciências Humanas e Artes*, Viçosa (MG).
- May, T. (2004) *Pesquisa social: questões, métodos e processos*. Porto Alegre: Artmed.

- Medeiros, A.Y.; Pereira, E.; Silva, R.M. (2021) Desafio das Famílias na Adaptação da Educação a Distância Durante a Pandemia do Covid19: Relato de Experiência. Contribuições do EAD em tempos de Pandemia e Pós-Pandemia, Niterói.
- Minayo, M. C. S. (Org.). (2001) *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Moraes, C. M.; Barros, M. de O.; Araújo, M. G. do N.; Silva, R. B. A. da; Negreiros, F. Aprendizagem e ensino remoto emergencial no contexto da pandemia da Covid-19: o que famílias do Piauí têm revelado. In: Negreiros, F.; Ferreira, B. de O. (orgs.) (2021) *Onde está a psicologia escolar no meio da pandemia?* SP: Pimenta Cultural. p. 287-327.
- Núcleo Ciência Pela Infância. Primeira Infância. 2018. Disponível em: <https://ncpi.org.br/primeira-infancia/#:~:text=Crian%C3%A7as%20com%20desenvolvimento%20integral%20sa%C3%A9vel,vocacional%20econ%C3%B4mica%20e%20se%20tor nem>. Acesso em: 29 mar. 2021.
- Oliveira, C. B. E. de; Araújo, C. M. M. (2015) A relação família-escola: intersecções e desafios. *Estudos de psicologia*, Campinas, v. 27, n. 1, 2010. Acessado em: 29/10/2021. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2010000100012&lang=pt
- O Impacto da Pandemia da Covid-19 no Aprendizado e Bem-Estar das Crianças. Fundação Marília Cecília Souto Vidigal, Rio de Janeiro, p. 15, 7 out. 2021. Disponível em: <https://www.fmcsv.org.br/pt-BR/biblioteca/impacto-covid-criancas/>. Acesso em: 20 nov. 2022

- Pastore, M. Di N. (2020) Infâncias, crianças e pandemia: em que barco navegamos? *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*. Acessado em 20/10/2021. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/919/1285>
- Rego, A.; Cunha, M. P.; Meyer Jr., V. (2018). Quantos participantes são necessários para um estudo qualitativo? Linhas práticas de Orientação. *Revista de Gestão dos Países de Língua Portuguesa*, v. 17, n.2, p 43-57.
- Rodrigues de la Iglesia, Y. (2021) Parentalidade e Desenvolvimento Infantil em tempos de Pandemia. *Filosofia e Educação*, Campinas, SP, v. 12, n. 3, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8661983>. Acesso em: 4 ago. 2021.
- Santana, A. L. M; da Silva, I. N. Família e Escola: A Participação Familiar no Processo de Aprendizagem na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Maria de Nazaré Gomes Torres – Castanhal / Pará. 2017. Disponível em: <http://bdta.ufra.edu.br/jspui/bitstream/123456789/912/1/Fam%C3%ADlia%20e%20Escola%20-%20a%20Participa%C3%A7%C3%A3o%20Familiar%20no%20Processo%20de%20Aprendizagem%20na%20Escola%20Municipal%20de%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Infantil%20e%20Ensino%20Fundamental%20Maria%20de.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2021.
- Santos, E. P. (2021) Adaptação de crianças na educação infantil. *Revista e-Ped – FACOS/CNEC Osório*, v.2, n. 10, 2012. Acessado em: 20/10/2021. Disponível em: http://facos.edu.br/publicacoes/revistas/e-ped/agosto_2012/pdf/adaptacao_de_crianças_na_educacao_infantil.pdf

Senhoras, E. M. (2020) Coronavírus e educação: análise dos impactos assimétricos.

Boletim de Conjuntura (BOCA), Boa Vista, v. 2, n. 5, p. 128-136, 2020.

Disponível em: <https://revista.ufr.br/boca/article/view/Covid-19Educao>.

Acesso em: 19 set. de 2020.

Souza, M. E. P. (2015) *Família/Escola: a importância dessa relação no desenvolvimento*

escolar. 2009. 25 f. Artigo (Programa de Desenvolvimento Educacional) –

Universidade Estadual do Norte do Paraná, Santo Antônio da Platina, PR, 2009.

Disponível em:

<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1764-8.pdf>. Acesso

em: 21 fev. 2020.

Vygotsky, L. S. (1998). *A formação social da mente*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes.

VII - APÊNDICE

7.1 – Apêndice A: Carta Convite para familiares/responsáveis

CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada “As percepções de famílias de crianças da Educação Infantil sobre o ensino remoto durante a pandemia da Covid-19”, sob a responsabilidade das pesquisadoras Cirlei Evangelista Silva (Docente do Instituto de Psicologia/UFU), Amanda Caixeta dos Santos (discente do Curso de Psicologia UFU) e Vanessa Geovana de Medeiros (discente do Curso de Psicologia UFU).

A pesquisa tem como objetivo identificar a percepção das famílias/responsáveis de crianças de 4 e 5 anos de idade e que estão na educação infantil, sobre o ensino remoto durante a pandemia da Covid-19 e suas implicações para os processos de desenvolvimento e aprendizagem destas.

Sua participação constará de uma entrevista que será realizada por meio de Plataforma Virtual, em data e horário a serem definidos de acordo com a sua disponibilidade, sendo previsto um tempo de, aproximadamente, 40 minutos de duração, para responder à 13 questões de múltipla escolha referentes à caracterização e 8 relacionadas à temática pesquisada.

Ressaltamos a importância de sua participação na nossa pesquisa para que possamos construir informações que poderão ser utilizadas para a melhoria da qualidade da educação oferecida às crianças da Educação Infantil.

Caso tenha interesse e disponibilidade em contribuir, solicitamos que entre no link abaixo até o dia 08/09 (sexta-feira) para que possamos entrar em contato com você e iniciar os trabalhos da pesquisa.

Link: <https://chat.whatsapp.com/IJ7zFdE017LBExrsL3SV5v>

Contamos com você e desde já agradecemos!

Equipe Pesquisadora

Uberlândia, 01 de setembro de 2021.

7.2 – Apêndice B: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Instituto de Psicologia

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada “**As percepções de famílias de crianças da Educação Infantil sobre o ensino remoto durante a pandemia da Covid-19**”, sob a responsabilidade das pesquisadoras **Cirlei Evangelista Silva** (Docente do Instituto de Psicologia/UFU), **Amanda Caixeta dos Santos** (discente do Curso de Psicologia UFU) e **Vanessa Geovana de Medeiros** (discente do Curso de Psicologia UFU), sendo as discentes responsáveis pela coleta de dados e por auxiliá-lo(a) no transcorrer da pesquisa.

Nesta pesquisa **buscaremos identificar a percepção das famílias de crianças da educação infantil sobre o ensino remoto durante a pandemia da Covid-19 e suas implicações para os processos de desenvolvimento e aprendizagem destas.**

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pela pesquisadora Amanda Caixeta dos Santos, durante o contato virtual com as famílias participantes da pesquisa, momento no qual serão explicitados quais serão os objetivos do projeto de pesquisa, e será solicitado a todos(as) os(as) participantes a manifestação de interesse e disponibilidade de participação, sendo oferecido a eles(as) um tempo para pensarem sobre sua decisão. O termo será enviado para os(as) participantes por meio de formulário online, o qual deverá ser devolvido por eles(as) assinado. Será assinado também pelas pesquisadoras e devolvido aos(as) participantes, sendo necessário que este documento seja arquivado por eles(as).

Na sua participação, você será convidado(a) a realizar uma **entrevista**, por meio de Plataforma Virtual, na qual se buscará informações referentes à: 1) caracterização do familiar/responsável da criança: grau de parentesco; idade; sexo; estado civil; quantidade de filhos; escolaridade; formação acadêmica; atuação profissional; trabalho no momento; renda familiar; quantas pessoas moram na residência; idade das pessoas que moram na residência. 2) compreensão da família quanto ao seu papel no ensino remoto; percepção sobre o engajamento da criança nas atividades propostas e o papel da escola; sobre a adequação das atividades propostas ao desenvolvimento da criança; impactos do ensino remoto e do distanciamento social nos processos de desenvolvimento e de aprendizagem da criança na primeira infância. A entrevista será realizada em data e horário a serem definidos de acordo com a disponibilidade dos(as) participantes e da pesquisadora, sendo previsto um tempo de, aproximadamente, 40 minutos de duração, para responder à 13 questões de múltipla escolha referentes à caracterização e 08 relacionadas à temática pesquisada. Ressaltamos que os dados coletados na pesquisa ficarão sob a guarda e responsabilidade exclusivas da equipe pesquisadora, por um período mínimo de 05 anos após o término da pesquisa, conforme solicita a Resolução nº466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde.

Em nenhum momento você será identificado(a). Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada. Ressalta-se aqui o compromisso das pesquisadoras de divulgar os resultados da pesquisa em formato acessível a todos(as) os(as) participantes da mesma.

Você não terá nenhum gasto nem ganho financeiro por participar na pesquisa. Havendo algum dano decorrente da pesquisa, você terá direito a solicitar indenização através das vias judiciais (Código Civil, Lei 10.406/2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 19). Os riscos consistem na possível exposição dos indivíduos que responderem à entrevista, pois este instrumento possui itens com informações que os caracterizam, facilitando, assim, a identificação dos(as) participantes por parte das pesquisadoras. Neste sentido, a equipe executora se compromete com o sigilo absoluto da identidade dos indivíduos participantes.

Rubrica do(a) Participante da Pesquisa

Rubrica do(a) Pesquisador(a)

Como toda pesquisa que envolve sujeitos e faz-se uso de técnicas como a entrevista, a devolução e a comunicação dos resultados da mesma podem resultar em possíveis conflitos entre os(as) participantes (pais/responsáveis) e envolvidos(as) diretamente (escola) e indiretamente com a pesquisa (criança). Neste contexto, a equipe executora utilizará um número de participantes mais amplo – 20 famílias - com o objetivo de dirimir possíveis riscos de constrangimento social e de conflitos. Mas, se, por acaso, a pesquisa promover algum dano a algum(a) participante, os(as) pesquisadores(as) assumirão a responsabilidade e proporcionarão assistência às dificuldades e danos resultantes dos riscos assegurados, sendo que estes são justificados pela relevância dos benefícios previstos.

Os benefícios serão possibilitar uma reflexão sobre a relação família-escola e as percepções das famílias a despeito de seu papel e o papel da escola no desenvolvimento integral da criança da primeira infância neste contexto de pandemia, bem como possibilitar a uma estudante de Psicologia participar de discussões atuais sobre o papel das famílias no processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança da educação infantil, relação há tempos fragilizada, o que foi potencializado com o ensino remoto e o isolamento social.

Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem qualquer prejuízo ou coação. Até o momento da divulgação dos resultados, você também é livre para solicitar a retirada dos seus dados, devendo o pesquisador responsável devolver-lhe o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por você. Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você.

Em caso de qualquer dúvida ou reclamação a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: Cirlei Evangelista Silva (34) 3225-8520 - Instituto de Psicologia - Av. Maranhão, s/n, Bairro Umuarama, Universidade Federal de Uberlândia. Para obter orientações quanto aos direitos dos participantes de pesquisa acesse a cartilha no link: https://conselho.saude.gov.br/images/comissoes/conep/documentos/Cartilha_Direitos_Eticos_2020.pdf.

Você poderá também entrar em contato com o CEP - Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos na Universidade Federal de Uberlândia, localizado na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, campus Santa Mônica – Uberlândia/MG, 38408-100; telefone: 34-3239-4131 ou pelo e-mail cep@propp.ufu.br. O CEP é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Uberlândia, 01 de setembro de 2021.

Assinatura do(as) pesquisador(as)

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido(a).

Assinatura do(a) participante da pesquisa

7.3 - Apêndice C: Roteiro de Entrevista da Pesquisa



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Instituto de Psicologia

Roteiro de Entrevista da Pesquisa

As percepções de famílias de crianças da Educação Infantil sobre o ensino remoto durante a pandemia da Covid-19

Participante nº _____

Parte 1 - Caracterização:

- Idade da criança pela qual você é responsável: _____

- Responsável:
 - mãe acompanha a criança nas tarefas escolares
 - pai outro. _____
 - parente. Grau de parentesco _____

- Idade:
 - 15 a 20 anos 31 a 35 anos 56 a 60 anos
 - 21 a 25 anos 36 a 40 anos 61 a 65 anos
 - 26 a 30 anos 41 a 45 anos 66 a 70 anos
 - 71 ou mais

- Qual gênero você se identifica? _____

- Estado civil:
 - solteiro divorciado
 - casado união estável
 - outro. Qual? _____

- Escolaridade:
 - Ensino Fundamental Incompleto Ensino Superior Incompleto
 - Ensino Fundamental Completo Ensino Superior em curso
 - Ensino Fundamental em curso Ensino Superior Completo
 - Ensino Médio Incompleto Pós graduação em curso
 - Ensino Médio Completo Pós graduação Incompleto
 - Ensino Médio em curso Pós graduação completo

- Área de formação acadêmica: _____

- Área de atuação profissional: _____

- Está trabalhando no momento?
 - Não presencial (no trabalho)
 - sim. Se sim, de que forma? remoto (em casa)
 - híbrido (no trabalho e em casa)

- Renda Familiar
 - menos de 1 salário mínimo entre 7 e 8 salários mínimos
 - entre 1 e 2 salários mínimos entre 9 e 10 salários mínimos
 - entre 3 e 4 salários mínimos acima de 10 salários mínimos
 - entre 5 e 6 salários mínimos

- Quantos filhos possui?
 - 1 3 5 ou mais
 - 2 4

- Quantas pessoas moram na residência?
 - 2 5
 - 3 6
 - 4 7 ou mais

- Qual a idade das pessoas que moram na residência? _____

Parte 2 – Questões

- 1- Como é o cotidiano da família neste momento de pandemia? A alteração de ensino presencial para o ensino remoto impactou neste cotidiano?
- 2- Como foi a adaptação da família ao modelo de ensino remoto?
- 3- Qual a família acredita ser seu papel nesse modelo de ensino remoto?
- 4- A família se sente preparada para acompanhar/orientar a criança em suas atividades escolares? Comente sua resposta.
- 5- A família sente alguma dificuldade em acompanhar/orientar a criança em suas atividades escolares? Comente sua resposta.
- 6- A escola oferece suporte às famílias frente a estas dificuldades? Se sim, como? Se não, por que?
- 7- Na sua percepção, a criança consegue se engajar nas atividades escolares propostas? Em caso positivo, a que fatores a família atribui o engajamento da criança? Em caso negativo, a que fatores a família atribui o não engajamento da criança?
- 8- A escola oferece suporte às crianças que apresentam alguma dificuldade em realizar as atividades propostas? Comente sua resposta.
- 9- A família acredita que as atividades propostas pela escola são adequadas ao período de desenvolvimento da criança? Comente sua resposta.

10- Como a família avalia a aprendizagem da criança neste período de ensino remoto? Comente sua resposta.

11- A família acredita que o isolamento social, proposto pela pandemia da Covid 19, está afetando ou afetará o desenvolvimento integral da criança? Comente sua resposta.

Obrigado por sua contribuição! Equipe Pesquisadora.